



Jardins do Oriente

Na gravura, que temos á vista, encontramos um famoso specimen da luxuriante vegetação das regiões encantadas, onde o sol espalha a sua benigna influencia, dando ás arvores e aos arbustos grandiosas e esbeltas fórmãs e proporeções, e ás flores um colorido e uma fragrancia que arrebata.

A par da bella perspectiva de graciosas plantas, e de lindissimas flores, vemos obras de arte que, ou são destinadas a tornar amena a atmosphera pela frescura das aguas, ou a deixar gosar de remansado ocio os seismadores orientaes, senhores desses paraísos terrestres.

A imaginação transporta-nos facilmente a essas risonhas scenas, e faz surgir uma tal ou qual inveja de as não saborearmos nós proprios.

Desde a mais remota antiguidade hão sido cultivados os jardins, e maiormente nos privilegiados paizes do berço da aurora. Os jardins de Babylonia eram contados no numero das sete maravilhas do mundo. — Homero esmerou-se, no seu canto sublime, em exaltar a belleza dos jardins de Alcinous. — Desde as mais afastadas eras tiveram os Persas magnificos jardins; e sabe se que os havia já no reinado do seu primeiro rei Mahabad. — Diz Xenophonte que Cyro considerava os jardins, como sendo um appendice indispensavel dos seus paços. Por toda a parte, onde residia, e em qualquer lugar que visitava, nos seus dominios, punha todo o cuidado em que os paraísos contivessem tudo quanto de bello e de prestavel podesse produzir o solo. — Dá Pli-

nio testemunho, e o dão tambem outros escriptores romanos, de que nas regiões do Oriente existiam pequenos jardins, onde as arvores eram dispostas em linhas rectas, e em figuras regulares; ás bordas dos passeios se encontravam muitas de rosas, e de outras flores odoríferas, ou plantas aromaticas; e tambem as arvores, ou eram escolhidas entre as que se distinguiam pelo aroma, ou entre as que mais apraziveis se tornavam pela circumstancia de darem boa sombra.

Da Asia Menor se introduzio na Grecia o gosto da jardinagem, bem como de lá vieram para Athenas as plantas mais graciosas e odoríferas.

Quem ha, que não tenha noticia do jardim que Plinio descreve a Apolinario, e dos jardins famosos de Sallustio, de Lucullo, de Mecenas, de Pompeu, de Cesar, e de tantos outros romanos celebres?

Desnecessario é dizer o quanto os povos modernos se hão occupado desta especialidade; bem como desnecessario é observar que a regularidade symetrica e sabia de Lenótre, em Franca, imitada em outros paizes, cedeu já o passo ao proposito de deixar brilhar mais ingenua e livremente a natureza nos jardins publicos e particulares.

Frederico II, rei da Prussia, dizia que *Voltaire escreveria como um anjo; mas tinha o espirito de um demonio.*



## A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

(Continuado de pag. 143)

## V

Edmée de Montlac

Abriu-se, debaixo de tristissimos auspicios, a campanha de 1794. Fallecera a 13 de Março, em Madrid, o habil general Ricardos; fôra nomeado, para o substituir, o general O'Reilly, mas morrera no caminho. E, entretanto, continuava no commando interino do exercito dos Pyrenéos Occidentaes o marquez de Las Amarillas, cuja capacidade era muitissimo inferior a tão pesado encargo.

Nos principios de abril recommençou a campanha; o marquez de Las Amarillas desejoso, quanto possivel, de não emprehender movimento algum antes da chegada do novo commandante em chefe, e dotado de suprema irresolução, e de falta de tacto militar, deixou que os republicanos se estabelecessem tranquillamente em Banyuls-les-Aspres, a pouca distancia dos acampamentos hespanhoes, e que tudo fossem concertando para darem um golpe decisivo nos invasores da França. Nem um movimento de concentração foi ordenado pelo marquez de las Amarillas!

Estas circumstancias melindrosas aterravam os menos perspicazes. O proprio duque de Montlac percebeu que teria de adiar para outra occasião a sua viagem a Paris, feita de companhia com um exercito restaurador do throno e dos privilegios feudaes.

Um dia voltava Gaspar da Silveira duma expedição em que o proprio marquez á testa dalgumas companhias de granadeiros desalojára um destacamento republicano da posição de Tressere, quando o seu amigo lhe entregou uma carta que viera durante a sua ausencia.

Devemos dizer que Paulo tornára-se tão sympathico a todos es officiaes, que obtivera, em vez de ser internado na Hespanha, ficar prisioneiro debaixo de palavra na companhia de Gaspar, a quem consagrava um affecto fraternal.

Gaspar abriu a carta. Era de Edmée. A pobre menina estava no auge da afflicção. Seus paes tinham decidido partir immediatamente para o estrangeiro. Dizia-lhe ella que não tinha tempo a perder, se queria obter de seu pae consentimento para o matrimonio, pelo qual ambos anhelavam.

O alferes de Olivença descorou. Um secreto presentimento dizia-lhe que estava a findar a sua felicidade.

Sem dizer palavra estendeu a carta ao official francez. Depois saio do quarto para mandar selar um cavallo.

Quando voltou, Paulo Deschamps recebeu-o nos braços.

— Pobre amigo, disse-lhe elle, que tencionas fazer agora?

— Crês em Deus? respondeu simplesmente Gaspar.

— Ainda não perdeste de todo, tornou Paulo

Deschamps com certa amargura, as tuas prevenções contra os pobres defensores da liberdade, da liberdade que é a filha do Evangelho?

— Pois se crês em Deus, reza por mim. Vai-se decidir a minha sorte.

E Gaspar, montando a cavallo, partio a galope na direcção de Ceret.

Horas depois voltava, sombrio e como que desvairado.

— Então? perguntou-lhe Paulo ancioso.

— Tinhas razão no outro dia, Paulo, respondeu Gaspar com um riso sarcástico. O sangue azul, como o vinho, purifica-o a velhice. A uma distancia de seculos a barra da bastardia já se não divisa a olho nu, e o neto do bastardo dos Bourbons pede contas ao bastardo dos Silveiras da macula que lhe empana o brilho da sua genealogia. É divertido, não é?

E Gaspar soltou uma gargalhada estridula, cujo som fazia estremecer.

Paulo encarou-o por um instante, depois approximando-se d'elle, e tocando-lhe no hombro, disse-lhe gravemente:

— Chora! Não recalques as lagrimas no fundo do coração. Transformar-se-hiam em fel.

— Oh! como eu sou desgraçado, bradou Gaspar desabafando em gritos e lagrimas a dor que o dilacerava.

Paulo amimava-o, acariciava-o, como faria a uma criança.

— Assim foste repellido? perguntou-lhe afinal com meiguice.

— Repellido barbara, insolente e ignominiosamente. Não me julgou nobre bastante para me conceder a mão de sua filha, a mim, descendente de Antonio de Silveira, que encheu a Europa com o seu nome! Nada poderam contra aquelle orgulho feroz as lagrimas de sua filha. Tambem é possivel que eu fosse culpado. Rebellou-se o meu orgulho contra o insulto. Não instei, não supliquei, e perdi a ventura num lance.

— Peninsular e Gascão, pensou o republicano, nenhum vergaria. E Edmée? continuou elle em voz alta.

— Chorou, soffreu comigo, confundio com as minhas lagrimas as suas nuns breves instantes, a um tempo os mais doces e os mais amargos da minha vida, que podêmos furtar á vigilancia posta em sobresalto de seus paes. Medita ella alguma resolução extrema. Não me disse qual era, mas brilhou nos seus olhos uma chamma tão viva quando não sei que idéa lhe passou pela mente, disse-me com tanta firmeza: «confia em mim» que eu senti-me reanimado involuntariamente, e julguei ver entre o negrume que me toldava o futuro scintillar o arco-iris que se segue á tempestade.

— Tanto confias nella?

— Oh! Paulo, creio nella como em Deus. Mais, continuou elle em voz baixa e como que temendo soltar esta blasphemia, porque foi ella e o seu amor quem me revelou verdadeiramente a Providencia, quem me ensinou a adoral-a e a bemdizel-a.



Nesse momento ouviu-se o galope dum cavallo, que parou um instante á porta da barraca. O cavalleiro trocou algumas palavras com o camarada de Gaspar, depois tornou a partir.

Era uma carta de Edmée.

«Partimos para Rosas, dizia ella. Não desanimem; confia naquella que antes quer morrer nos teus braços que viver longe de ti. Amor e esperança.

— Oh! perdi-a para sempre, exclamou Gaspar deixando cair o bilhete com profundo desalento.

— Incredulo! disse Paulo com força. A tua fé não resiste á primeira provação. Oh! não sabes ainda que thesouros de abnegação e de amor encerra um peito de mulher!

Na noite de 27 de abril Paulo Deschamps e Gaspar da Silveira conversavam tristemente junto da banca onde ardia uma vela. A noite estava chuvosa, o vento zunia frio e agreste como costuma ser ás vezes no principio da primavera. Chegára nesse dia o conde da União, novo commandante em chefe do exercito hespanhol. Vinha achar tudo em máo estado; as tropas desmoralizadas pelos combates inglorios e continuos com que o marquez de las Amarillas os fatigára. Algumas vantagens parciaes, alguns feitos de armas brilhantes, entre os quaes citaremos o de quarenta soldados portuguezes que sustentaram sós contra as columnas republicanas uma posição abandonada pelos hespanhoes, não compensavam de modo algum a inutilidade de tanto sangue derramado. Gaspar tinha alem de muitos outros motivos de tristeza um ainda mais pungente. Caíra nas mãos dos francezes uma boa porção de soldados hespanhoes, pertencente ao corpo commandado pelo conde de Saint-Hilaire, que Dagobert repellira de Seo d'Urgel, e uma troca de prisioneiros fôra combinada. Paulo Deschamps ia partir, e apesar do entusiasmo, que lhe fazia pulsar o coração, pensando que se ia lançar de novo no turbilhão fervente das batalhas, um sentimento doloroso se lhe apoderava do espirito, lembrando-se que tinha de deixar o joven alferes que tantas sympathias lhe inspirára.

— Vamos ser inimigos de novo, dizia tristemente Gaspar.

— Oh! não; conheço Dugommier, obterei delle que me envie ou para o exercito do Rheno, ou para o Norte ou para a Italia. Não me posso resignar á idéa de te encontrar no campo de batalha, varado pelas ballas dos meus soldados.

Gaspar olhou com profunda tristeza para o seu amigo.

— Não seria essa a maior ventura que eu poderia esperar? murmurou o alferes portuguez.

— Louco, mil vezes louco, tornou o republicano! Tomas por nuvens de procella os raros nevoeiros que te velam docemente, como tecido de gaze, o esplendor da tua aurora. Ouves? continuou Deschamps indicando com um gesto a campina, que estava sendo inundada pelas torrentes de chuva que toda a tarde tinham ameaçado des-

abar. Quem não dirá, em presença deste temporal desfeito, que um inverno tormentoso cerra por longos mezes o horisonte? Pois bem! amanhã da tempestade desta noite não restará outro vestigio que não sejam diamantes a resplenderem no calice das flores. A tempestade, a que tu agora curvas a cabeça, esvair-se-ha logo que a presença dum ente querido seccar os teus prantos com um raio de sol.

Tinha elle acabado de proferir estas palavras quando no enquadramento da porta assomou um vulto nobre e elegante.

Era um mancebo imberbe, de rósto feminino e formoso. Trajava um fato airoso de cavalleiro enopado pela chuva. Pousava-lhe garridamente na cabeça um chapéo ainda de fôrma á Luiz XV.

Escorria-lhe a chuva do fato e dos cabellos. Quando entrou no circulo de luz projectado pela vela, pôde-se-lhe descobrir a physionomia pallida, illuminada pelo vivido fulgor duns olhos, onde transluzia a resolução energica a par da ineffavel meiguice.

Foi direito ao official portuguez; mas parou comprimindo um grito, quando vio Deschamps.

Este inclinou-se com uma cortezia cavalheiresca.

— Sou amigo de Gaspar e sou francez. Isto duplamente lhe diz, mademoiselle de Montlac, que pôde contar com a minha descripção, e com o meu profundo respeito.

— Edmée, tu..., balbuciou Gaspar chamado ao sentimento da realidade pelas palavras do seu amigo, porque até ahí parecera-lhe estar sonhando.

— Eu, sim! eu que venho cumprir a minha promessa, lançar-me nos teus braços e dizer-te: «Morrámos juntos, ou vivamos juntos para um futuro de felicidade.»

— Santa, anjo de dedicação, como pagar-te esse amor celestes, de que me não acho digno? E como podeste...?

— Vir ter cóntigo? Deu-me forças o amor. Fugi em Rosas, montei a cavallo e parti, envolvendo-me com a escolta numerosa e com a criadagem que acômpanha o conde da União. Chama-te algum combate? Acompanhar-te-hei. Seremos como os dois noivos do poema de Tasso. Queres, consentes?

— Oh! sou feliz, disse Gaspar deixando cair a cabeça entre as mãos, como se effectivamente lhe vergasse ao peso de tanta e de tão inesperada ventura.

— Posso deixar-te agora, disse Paulo apertando-lhe affectuosamente a mão. Vêla por ti um anjo.

E, curvando-se profundamente perante Edmée, como se não curvaria perante a rainha de Hespanha, o austero republicano saíu da tenda com os olhos marejados de lagrimas.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

**Errata.** — O capitulo antecedente a este deve ter o numero IV e o titulo «O episodio d'Herminia.»

Não ha cousa mais facil, que enganar-se a si mesmo.

DEMOSTHENES.



## O MAIS ELEVADO CONSELHO MORAL.

Walter Scott e Lord Byron

— Os elementos da felicidade, isto é, desse grão de felicidade, a que pode chegar a nossa existencia actual estão espalhados com profusão em torno de nós; mas é necessário que o homem superior se abaixe para os reunir e aproveitar. Não existe uma estrada real, nem um caminho poético destinados a conduzir ao contentamento do espirito ao repouso do coração: todas as classes da sociedade podem chegar áquelle termo: nem sequer a intelligencia mais curta e apoucada é excluída de tamanha ventura.

— Restringir os nossos votos e os nossos desejos ao que ha possibilidade de alcançar: — encerrar os nossos infortúnios, por mais singulares que pareçam, como um quinhão inevitavel no patrimonio de Adão; — reprimir essa irritabilidade febril, que não se demora em tornar-se dominadora, se não fôr sofreada; — evitar a intensidade pungente de reflexão que tortura o espirito e que o nosso poeta (*Lord Byron*) pintou tão energeticamente na sua linguagem de fogo:

— *Pensei por tanto tempo, e tão profundamente que o meu cerebro, fervendo no seu proprio turbilhão, se converteu em uma voragem de chamma e de phantasia —*;

descer, finalmente, ás realidades da vida; — e arrependemo-nos, se havemos offendido o nosso semelhante; — perdoar, se nos offenderam; considerar o mundo, menos como inimigo do que como um amigo caprichoso e pouco seguro, do qual nos cumpre diligenciar merecer approvação sem a affrontar, nem a desprezar: eis aqui, me parece, quaes são os meios mais certos de conservar ou recebrar a tranquillidade do espirito

..... *Semita certe  
Tranquillae per virtutem patet unica vita.* —

— Estas serenas palavras, este elevado conselho moral, que encerram o mais discreto e salutar aviso para bem da convivencia social, e descanço de cada um dos mortaes, foram lançados em uma nota a est. CXIV. do canto 3.<sup>o</sup> da *Peregrinação de Harold* pelo famoso romancista escocoz sir Walter Scott.

Na indicada estança dizia Lord Byron:

— Não, eu jamais gostei do mundo, nem o mundo, jámais gostou de mim: separemo-nos, porém, como inimigos generosos. Quero acreditar, a despeito da minha experiencia, que algumas verdades se dizem que se dão algumas esperanças que não enganam. — que ha virtudes indulgentes que não armam laços á fragilidade. Quizera tambem acreditar que ha desgraças sobre as quaes a amizade verte lagrimas sinceras, — que dois ou tres mortaes são quasi o que parecem, — que a bondade não é uma simples palavra, nem a felicidade um sonho. — (1)

Foi a proposito desta infeliz disposição do animo de Lord Byron, reveladora do scepticismo e mysantropia que o avassalavam: foi, digo, a proposito deste amargo desafogo, que sir Walter Scott lançou em nota as placidas ponderações, que atraz havemos lido. Queria o prudente Walter Scott que Lord Byron descesse das alturas da sua exaltação, moderando o fogo da phantasia, e encarando a realidade das cousas, com o fim de

alcançar o contentamento do espirito e o repouso do coração.

Walter Scott propunha-se a derramar salutar balsamo sobre as feridas de Lord Byron; mas este ultimo estava tão profundamente golpeado em seu coração, que difficilmente poderia guarecer. A excitação produzida por desgostos da sua vida mais intima, e pela crua guerra que lhe moviam os seus compatriotas, o dispunha mui naturalmente para exaggerar a maldade dos homens, para se constituir em rebelião contra a sociedade, ou antes para lhe votar soberano desprezo.

Lord Byron attraira sobre si, e accumulara sobre a sua cabeça os odios politicos, e os odios litterarios da Inglaterra: os primeiros, pela liberdade com que foi de encontro ao sentimento geral do seu paiz, no tocante á igreja, á constituição, ao governo; os segundos, pela violenta e amarga critica da poesia e da litteratura, dos poetas e dos homens de letras do seu tempo.

Mais tarde, vem o seu memoravel, quanto infeliz casamento aggravar mais e mais a sua situação. Aqui empregarei cu as energicas palavras de um critico francez, M. Taine: — Succedeu que sua esposa fosse uma virtude, «uma especie de modelò» como tal citado, «a norma, a regra em pessoa» correctea, secca, incapaz de peccar, mas tambem de perdoar. *Estou admirado*, dizia o criado Flechter; *a não ser mylady, nem uma só dama conheci, que não soubesse levar mylord*. Julgou Lady Byron que seu marido estava doudo; requereu que fosse examinado por uma junta de medicos; mas quando vio que elle tinha toda a sua razão, deixou-o, e recusou-se a tornar a ve-lo. Passou então Lord Byron a ser considerado como um monstro: cobriram-no de opprobrio os jornaes, e os seus amigos lhe aconselhavam que não mais fosse ao theatro, nem ao parlamento, por que receiavam que o apupassem ou insultassem. O que uma alma tão violenta, precocemente habituada a uma gloria ruidosa, soffreu de furor e de tortura neste assalto universal de ultrajes... só se pôde avaliar pelos seus versos. —

Lord Byron, vehemente e apaixonado, como se fosse um furioso, era extremo em tudo, — na politica, na poesia, na critica, nas distracções, no trabalho. Para homens taes verdadeiros phenomenos, não ha norma, não ha regras, não ha conselhos; tudo nelles é desordenado, imprevisito excentrico.

— Admiremos esses entes excepcionaes, em tudo quanto marçam com o sello do genio; mas reservemos a nossa imitação unicamente para o theor de procedimento dos homens regrados, que comprehendem e adoptam os salutaes avisos do illustre romancista da Escocia, no principio deste artigo exarados.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

## A CATHEDRAL DE SEVILHA

Na interessante obra do Conde de Raczynski, intitulada — *Les arts en Portugal* — encontrei algumas noticias curiosas ácerca da cathedral de Sevilha. Repartindo com os leitores o prazer que me causaram aquellas noticias, venho exarar aqui um resumo substancial das mesmas.

A Cathedral é quasi o unico monumento gothico, que existe em Sevilha. Se bem que não acabada de todo, é uma das obras sublimes que

(1) I have not loved, the world, not the world me, etc.—



os seculos de maior poder e esplendor do catholicismo hão produzido, — é uma das maravilhas do mundo

Foi começada no anno de 1103. Na parte exterior, pertence a todas as epochas e a todos os estilos. Uma só das frentes, a da entrada principal, é gothica e homogenea. Mas no interior, olhando-se para o todo da construcção, sem attender aos accessorios, ou a construcções especiaes de recente data, não cabe no possível deixar de sentir uma commoção profunda, irresistivelmente originada por uma obra tão maravilhosamente grande, tão veneranda, tão bella e sumptuosa.

« Enchera eu, diz o Conde de Raczynski, de exclamações paginas inteiras, se quizesse definir a exaltação que de mim se apoderou, em presença daquella obra prima.»

Diz-se que os Conegos de Sevilha, com o fim de obterem meios de construir a cathedral, acordaram em tomar a resolução de viver em uma casa pequena e de sómente se alimentarem de pão e agua; perseverando neste proposito por espaço de 150 annos.

Eis aqui a expressão do entusiastico protesto dos conegos tal como está registrada no cartorio da cathedral, e Don Manuel Cepero a escreveu no diario do conde de Raczynski:

— *Fazamos un Templo tal e tan grande que no lo haya igual en el mundo, e que los venideros nos tengan por locos.* 2 julio 1400. = =

Com rasão observa o conde de Raczynski, que a tenacidade dos conegos de Sevilha é digna de um Cabido de Hespanha, e cabalmente explica o ardor com que o povo hespanhol luctou, por espaço de seculos, contra os Mouros até os expulsar, e contra os exercitos de Napoleão.

E na verdade, as grandes cousas sómente se conseguem na ara do sacrificio; e a *perseverança* principalmente, são devidas as obras sublimes do genio do homem. — pallido reflexo, aliás, das maravilhas do Creador omnipotente, que nos encantam e arrebatam.

#### BELLOS PENSAMENTOS EXPRIMIDOS NA LINGUA CASTELHANA

Fr. Luiz de Leon, ponderando que o homem rico imagina ser bastante o dinheiro, para, desde logo, dar fortaleza, sabedoria, discrição, e felicidade, apresenta este pensamento:

*De aqui nace que la altivez, la presuncion, el desvanecimiento, la vana confianza, y el engano, comen de ordinario e dormen con los ricos.*



Uma roça de assucar na Jamaica



A Jamaica é uma das ilhas inglezas das grandes Antilhas ao sul de Cuba, e ao oeste de Haiti.

Tem por capital *Kingston*; com quanto a sede do governo seja *Spanish Town*, ou *Santiago de la Vega*, no condado de *Middlesex*.

Foi descoberta em 1494 por Christovão Colombo; pertenceo aos Hespanhoes até ao anno de 1655, em que foi tomada pelos Inglezes, que ainda hoje a conservam; e é a sua mais importante possessão na America.

Politicamente é dividida a ilha em tres condados *Surrey*, *Middlesex* e *Cornwall*.

A superficie da Jamaica é muito desigual; a parte plana occupa menos do que o vigessimo da sua área, se bem que só a região oriental se possa chamar de todo o ponto montanhosa. Esta ultima região é quasi inteiramente occupada pelas *Montanhas Azues* (*Blue Mountains*), o principal espinhao das quaes passa pelo meio della, correndo proximoamente de este para oeste.

A Jamaica é de tempos a tempos visitada por terriveis furacões.

Os principaes objectos de exportação d'esta ilha consistem em assucar, aguardente de canna, e melão. São numerosas as plantações ou roças de assucar e muito extensas, com especialidade nas terras mais planas e mais quentes.

Tem a Jamaica a preciosa vantagem de ser regada por numerosas ribeiras, riachos, e nascentes, que fornecem agoa para a irrigação das plantações, para os moinhos, e para tornar bellos os campos.

É hoje muito conhecida a cultura da canna de assucar; e por isso, julgando dispensaveis quaesquer noticias sobre esta especialidade, limitar-nos hemos a dizer que na Jamaica, e em geral na America, uma roça ou plantação tem a apparencia e proporções de uma pequena povoação, como vemos na nossa estampa. Nem poderia deixar de ser assim, por quanto o exercicio de uma tal industria agricola demanda muitas casas, officinas, etc., indispensaveis para os multimodos mysteres da mesma industria.

## A BASTILHA

(Continua-lo de pag. 111)

### II

A Bastilha, que a nossa gravura representa como era antes do dia 14 de julho de 1789, deve ser considerada debaixo de dois pontos de vista: como fortaleza, e como prisão de Estado. A historia das masmorras é, na sua qualidade de dramatica, e muitas vezes de legendaria, mais conhecida do que a historia dos baluartes. E, contudo, esta ultima conta igualmente paginas notaveis.

Devemos dizer em primeiro lugar que não é o nome de Bastilha privativo daquella fortaleza. Chamavam-se, em geral, *bastilhas* as fortificações extra-muros que defendiam as cidades. Este castello, construido nessas condições por ordem de Carlos V, rei de França, recebeu o nome de Bastilha de Santo-Antonio. Como em pouco tempo se tornou a mais celebre de todas as que existiam em França, ficou sendo designada, em especial, pelo nome generico. A cidadella parisiense cha-

mava-se a *Bastilha* por excellencia, como Roma se chamava *urbs*.

Vejam como se transforma uma cidade! A Bastilha, que em 1781 estava collocada no ponto mais central de Paris, foi construida no seculo XIV como sentinella avançada posta para além dos muros, a fim de esperar o primeiro embate dos inimigos. Depois a cidade rompiu o primeiro cinto de muralhas, alastrou-se nos campos, rodeiou com as suas vagas de casaria a attonita Bastilha, passou-lhe muito para diante e deixou-a ficar immovel no meio da capital, como esses diques onde bate submissa a onda, e que nos dias de inundação se transformam em ilhas.

Era no tempo dos grandes desastres da França. O «Principe negro», o filho do rei Eduardo III, infligira aos francezes a memoravel derrota de Poitiers, aprisionara o rei João, e de longe ameaçara Paris. O delphim Carlos, que havia de ser depois o prudente e avisado rei Carlos V, tratou de fortificar a capital, e ordenou a Hugo Aubriot, preboste dos negociantes, que tratasse de lançar os primeiros alicerces duma bastilha. O thesouro regio estava na maior penuria; portanto a fortaleza teve de ser construida por meio duma nova finta, lançada sobre todos os proprietarios. Em 1369 começou a construcção, em 1383 concluiu-se, e, cousa notavel, foi o mesmo Hugo Aubriot, que prisdira ás obras, o primeiro preso que ali entrou. O destino tem destes caprichos humoristicos.

Carlos V fôra previdente. O seu reinado fôra como que uma lingua de terra firme entre dois despinhadeiros. O seu governo tranquillo, reparador, e glorioso mesmo, graças ás façanhas do condestavel Bertrand Duguescien em Hespanha, foi o curto dia luminoso que separou os funeraes de Poitiers dos funeraes de Azincourt. A Bastilha que edificara, depois de desempenhar um tal ou qual papel nas tristes dissensões de Borgonhez e Armagnacs, afinal caio nas mãos de Henrique V de Inglaterra, a quem a entregou, juntamente com a sua boa cidade de Paris, Isabel de Baviera, a devassa esposa do pobre demente Carlos VI. Pouco depois uma conspiração de fidalgos francezes, captivos nos seus carcerees, ia-a entregando de novo ao seu legitimo senhor, mas a conspiração foi descoberta, e os prisioneeros cruelmente punidos. Em 1436 foram menos felizes os inglezes. Um assalto, dado pelas tropas do rei de França Carlos VII á cidade de Paris, auxiliado pela insurreição dos parisienses, constrangeu os inglezes a refugiarem-se na Bastilha, e em tão grande numero que, faltando-lhes os viveres, foram obrigados a capitular, pagando resgate.

Depois cessou por longos annos a Bastilha de desempenhar um papel militar; a cidade crescia-lhe em torno, e a protecção da fortaleza tornárase-lhe inutil; por outro lado a mão de ferro de Luiz XI comprimia as discordias dos grandes vassallos, e tanto os abatia que os seus successores, menos energicos do que elle, não tiveram mesmo que vencer uma tentativa de resistencia. Os rei-



nados de Carlos VIII, de Luiz XII, de Francisco I, tranquillos no interior, foram todos occupados pelas guerras longinquas com a Hespanha e a Italia. No fim do reinado de Henrique II a reforma religiosa principiou a dar os seus fructos, e a guerra civil rugio, irrompendo afinal em lucta accesa e cruel, no tempo de Francisco II e de Carlos IX. Mas essas discordias, inflammando as provincias, não lançavam nem uma scintilla em Paris, que a sombria Catharina de Medeis não deixava de mirar com o seu olhar vigilante. No tempo do fraco Henrique III, finalmente, a insurreição de novo se mostrou nas ruas da capital. O duque de Guise, aspirando abertamente á coroa, sustentado por numerosos partidistas tornou-se senhor de Paris, e deu o commando da Bastilha a um dos seus mais fieis, e fanaticos seides, a Bussy-Leclerc. Mostrou-se esse faccioso digno da confiança do chefe. Nunca recuou diante do minimo escrúpulo. A morte do seu chefe, assassinado em Bles, nem sequer o desanimou; pelo contrario, assim que recebeu a noticia, tratou logo de collocar Paris em estado de defeza, e de domar qualquer resistencia interna que ousasse manifestar-se. O parlamento hesitava em assignar o pacto da Liga, quer dizer, hesitava em se lançar nos braços da familia de Lorena, rebellando-se altamente contra os dois reis Henrique III de França, e Henrique de Navarra que lhe devia succeder. Bussy-Leclerc sae da sua fortaleza, dirige-se ao lugar onde o parlamento deliberava, e sem mais cerimonia prende os magistrados e encerra-os na Bastilha. A vista deste modo de cortar o nó gordio, os parisienses calaram-se e obedeceram cegamente aos chefes do partido Guise. Depois de um longo e tenacisissimo assedio, Henrique IV entrou em Paris, mas a Bastilha resistia ainda, commandada por Debourg, digno successor de Bussy-Leclerc. Tres dias se conservou a fortaleza intrepida e teimosa no meio da cidade submissa. Afinal, Debourg, vendo que a não podia defender, porque era impossivel receber socorros de qualquer parte, resolveu-se a entregal-a.

O governo da Bastilha foi dado por Henrique IV ao seu amigo intimo, duque de Sully, grão mestre de artilheria, e economico gerente do thesouro regio. A escolha do governador indicava o destino reservado a alguma das torres da velha fortaleza. Effectivamente, foi uma dellas transformada em erario.

Em 1649 era menor o rei Luiz XIV, e regente sua mãe Anna d'Austria. A insurreição da Fronda rugia nas ruas de Paris. O pacifico reinado de Henrique IV, a compressão que a mão de ferro do cardeal de Richelieu fizera pesar sobre as insurreições, tinham deshabitado a realza da resistencia dos povos. Por isso, quando os frondistas ousaram siliar a Bastilha, cujo governador, mr. de Tremblay estava sem munições, e dispunha apenas de vinte e dois homens de guarnição, a Bastilha capitulou. Os revolucionarios triumphantes nomearam governador da Bastilha o conselheiro Broussel, e, quando assignaram uma convenção com a rea-

leza semi-vencida, estipularam que o seu conselheiro devia ser conservado no seu posto. Esta paz, contudo, não foi senão uma tregua. As hostilidades recommçaram, como era de esperar. Travou-se uma batalha junto das portas de Santo Antonio, ainda não muito distantes da Bastilha, que lhes servia de reserva, depois de lhes ter servido de guarda avançada. Nessa batalha estavam dois grandes generaes frente a frente. Conde era o chefe das forças insurreccionaes, Turenne o commandante do exercito real. Foi este o vencedor, e a perda da batalha envolveria a perda da capital, porque os realistas entravam em Paris seguindo os frondistas, se a *Infanta* de França, *Mademoiselle*, como elles dizem, a grande *Mademoiselle*, a prima de Henrique IV, a neta de Luiz XIV, que estava da parte da revolta, não mandasse com uma decisão varonil, que amigos e adversarios igualmente admiraram, disparar a artilheria da Bastilha contra o exercito de seu regio primo.

A ultima vez que a Bastilha foi cercada foi no dia 14 de julho de 1789. Dessa vez não estava a fortaleza desprevenida. O seu corajoso governador, mr. de Launay, tinha 114 homens de guarnição, munições abundantissimas, e podia contar com o exercito de trinta mil homens, commandado pelo marechal de Broglie, que se preparava a invadir Paris. Mas uma idea não se combate assim, tem uma força irresistivel que derruba muralhas, que derrota canhões, que dissipa, como fumo, os exercitos numerosos. Meio por surpresa, meio pela dedicação heroica de alguns cidadãos e pelo impeto do povo, a Bastilha foi tomada. Debalde o seu heroico governador, desesperado por este successo, e resolvido a sepultar-se nas ruínas da fortaleza, correu com um mórão acceso a lançar fogo á polvora. Um artilheiro adivinhou-lhe o projecto, e conseguiu fazel-o parár, entregando-o como prisioneiro aos assaltantes. Digamos, para sermos justos, que a heroica façanha do povo foi maculada pelo barbaro assassinio do valente militar.

Ao outro dia começou a demolição da Bastilha. Dahi a pouco tempo não ficava ali pedra sobre pedra. Francezes e estrangeiros, todos queriam levar uma reliquia do monumento sombrio, que a lava revolucionaria arrancára no seu primeiro jorro. No anno seguinte fez-se ali o festejo da primeira federação, e como o caustico espirito dos francezes não pôde deixar de se revelar nas cousas mais serias, lá tremulou uma bandeira com a seguinte inscripção: *Ici l'on danse.*

M. PINHEIRO CHAGAS

Continua)

Para encarecer a virtude e desinteresse de um cortezão, disse um auctor:

*Tuvo la dulce satisfaccion de haber hecho la fortuna á sus amigos, y la gloria de no haberse acordado jamas de la suya.*



## PECCADORA E MÃE

..... a desgraçada  
que peccou, sim, mas que é mãe.

THEOZAS RIBEIRO.

Ei-o, o meu pobre filhinho,  
tanto frio que elle tem!  
e eu sem ter p'ra elle um ninho  
mais que este seio de mãe!

Errante de praça em praça,  
caçada, sento-me aqui.  
Não me atormenta a desgraça  
meu filho, senão por ti!

Meu filhinho, meu encanto,  
que vida que eu te fui dar!  
No mundo só tenho o pranto,  
não te posso acalentar!

Teu pae deixou-te, deixou-me...  
foi um infame... bem sei,  
na perdição abismou-me  
em paga de quanto o ame!

Eu quiz fazel-o ditoso;  
elle tornou-me infeliz;  
Deus o faça venturoso,  
meu peito não no maldiz.

Filho, como heide crear-te?  
que vida te darei eu?  
se me segue a toda a parte  
da minha infamia o labéo!

Causa-me pejo este mundo,  
fujo delte envergonhada,  
que o desprezo mais profundo  
acompanha a deshonrada!

Longe da casa paterna...  
sem ter abrigo nem pão!  
A meus ouvidos, eterna  
soa a voz da maldição!

E tu, meu pobre menino,  
hasde ser martyr tambem?  
Tens culpa do desatino,  
do crime de tua mãe?

Nos duros braços da roda  
não posso ir-te depor,  
fallece-me a força toda  
ante esta ideia de horror!

Oh! não vou! Elle é meu filho,  
foi Deus, foi Deus que mo deu!  
Seja embora duro o trilho  
e amargo o calix! É meu!

Heide estreital-o a meu seio  
em quanto o peito bater!  
Da mãe o fervido aneio  
só a mãe pode entender.

Deus, meu Deus! acceto a pena,  
mas perdoa á triste mãe!  
Perdoaste á Magdalena  
porque amou muito tambem.

Baixе a mim tua piedade!  
abre-me as portas do céo!  
E que eu voe á eternidade  
abraçada ao filho meu!

Coimbra.

A. X. de SOUSA CORDEIRO

## MARIA THEREZA, E OS HUNGAROS

—Se eu, ou algum dos meus successores, quizermos, em algum tempo, infringir os vossos privilegios, —ser-vos-ha permittido, a vós e aos vossos descendentes, em virtude desta promessa, defender-vos, sem que por isso sejaes tratados como rebeldes. —

Eis a explicação do enthusiasmo, que fez dizer aos Hungaros: *Moriamur pro rege nostro Maria Theresa.*

Diz se que Luiz XVIII, rei de França, pensára muito no projecto de estabelecer uma cidade, na qual toda a gente falasse latim.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Relatorio que a Mesa da Santa Casa da Misericordia de Lisboa dirigio ao ex.<sup>mo</sup> sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino com as contas da gerencia do anno economico de 1865-1866. Lisboa. Imp. Nac. 1867.** =

Se ha objecto que mereça altrair a attenção geral, é por certo tudo quanto diz respeito ás Misericordias, — venerando instituto pio, que ha quasi quatro seculos dá lustre á monarchia portugueza.

*Admiraveis estabelecimentos* chama o famoso Decreto de 15 de março de 1800 ás misericordias, e de *louveis* caracteriza os seus *compromissos*, por occasião de apontar os importantes fins: a criação dos expostos, curativo dos enfermos, cazimentos de orfãs, etc.

A Misericordia de Lisboa tem a seu cargo especial a sustentação dos expostos; pois que o tratamento e curativo dos doentes pobres corre por conta da administração do Hospital Real de S. José.

Mas, basta o melindroso serviço dos expostos, para tornar muito recommendavel a Estancia que nesse assumpto entende:

—Apontemos resumidamente alguns dos factos que o Relatorio documenta, com referencia ao anno economico de 1865-1866.

Entraram pela roda 2:591 expostos vivos; sendo 2:242 recém-nascidos, e 349 maiores de dez dias. Do numero total dos entrados, vieram 1:354 acompanhados de declarações; os restantes, 997 não traziam declaração alguma.

Foram reclamadas pelos paes, e entregues aos mesmos, 103 creanças.

Casaram 27 expostas dotadas, das quaes estavam 8 no estabelecimento; —procurando este dar preferencia ás expostas, em quanto a dotes, no intuito de lhes assegurar um melhor futuro por meio do casamento.

A mortalidade no estabelecimento foi maior do que a do anno antecedente, e recaio pela maior parte, como sempre, nos recém-nascidos, — dos quaes falleceram 148 varões e 158 femeas, — Fora do estabelecimento falleceram 1:292 expostos. — Doloroso quadro!

A receita dos expostos foi de 106:607\$723 reis, maior do que a do anno antecedente; em rasão do maior lucro proveniente das loterias.

Foram providas com o diploma de visitadas 116 pessoas. Ficaram existindo 667, das quaes foram soccorridas com medicamentos e visitas de facultativo, em 773 enfermidades, aquellas que recorreram a este soccorro.

—Desejamos apresentar, outros factos e descera algumas considerações que elles suscitam; mas não cabe nos limites de uma noticia bibliographica ser mais extenso.

A Misericordia é hoje administrada pelo benemerito Provedor, o Visconde de Benagazil; e pelos dignos adjuntos Conde de Rio Maior, D. Antonio; e Antonio Damaso de Castro e Sousa.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.